BOLETIM SEMANAL
DO GABINETE DE ANÁLISES POLÍTICAS

ÍNDICE

Nº 1/77 (Boletim de Transição)

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

NOTA : Retomamos a publicação do nosso Buletim desta forma transitória, para não interromper a informação aos nossos militantes do interior. Esperamos que em breve se encontre uma forma definitiva dessa informação.

ANGOLA NA IMPRENSA

de 25.12.76 a 30.1.77

EXTRACTOS DOS MAIS IMPORTANTES DISCURSOS

MENSAGEM DE ANO NOVO DO CAMARADA PRESIDENTE

(...) Saliento como passo histórico de relevância extraordinária a decisão de criar este ano, o Partido Revolucionário que deverá conduzir o povo na criação das condições para o socialismo científico e adoptar o marxismo-leninismo como a base ideológica e o método da sua acção.

O povo, definido como um conjunto de classes sociais, será conduzido pelo proletariado - os operários aliados aos camponeses.

Este ano de 1977 será portanto o Ano da Fundação do Partido de Vanguarda.

A formação de activistas operários instruidos na teoria marxista-leninista, a multiplicação de Escolas do Partido, de seminários e conferências sobre o marxismo-leninismo, serão meios para consciencializar os trabalhadores e dar a correcta ideia de classe dirigente.

(...) Temos de fazer novos esforços no plano económico para encontrarmos a base material necessária à realização dos nossos objectivos. O estado em que a economia foi deixada pelos colonialistas, os males causados nas classes trabalhadoras pela concepção capitalista e colonialista do trabalho, a longa exploração e correlação das forças no País, são alguns elementos que se opõem à decisão do Comité Central de atingir os níveis de produção de 1973. Temos portanto de neutralizar estes factores para que esses níveis sejam atingidos em 1977

E 1977 será assim, não só o Ano da Fundação do Partido como ainda o Ano da Produção para o Socialismo.

Tivemos a felicidade dever queos operários, os camponeses e burocratas, em algumas Províncias, colaboraram nas campanhas do açucar e do café e que houve váriasvezes o trabalho voluntário, que revela a vontade do povo de participar no grandioso processo de transformação socio-económica do País.

Porquanto alguns factores negativos e impeditivos do aumento da produtividade são criados por sectoresda burocracia ainda não adaptados às nossas opções e aos interesses do povo ; à existênciade privados ganaciosos ; a uma certa actividade de contra o sistema colectivo de produção a um não cumprimento de decisões dos organismos superiores.

Embora ainda tenhamos dificuldades imensas no capítulo dos transportes, devido a carência de equipamento - dificuldades que diminuem imenso a capacidade de comercialização de produtos - não é demais repetir que é preciso cuidar da produção agrícola e industrial ; é preciso libertar os produtores de certos entraves burocráticos ou psicológicos, para que se desenvolvam decididamente as forças produtivas.

... o Estado é o MPLA. E assim, os mais responsáveis membros do Governo ou do Conselho da Revolução são os militantes experimentados do MPLA. De preferência, aqueles que enfrentaram directamente o inimigo. A sua identidade com a linha política do MPLA garante a execução dessa mesma política e supera as questões de competência técnica e imediata que é a preocupação da concepção tecnocrática do Governo.

A nossa defesa deve ser preocupação constante de todo o povo e por isso as FAPLA são chamadas a desempenhar um papel primordial. Não abandonamos a ideia da defesa popular generalizada. A ODP será melhor organizada.

(...) É necessário valorizar suficientemente os jovens chamados a defender a integridade territorial do nosso País e a Independência Nacional.

E valorizar significa também manter a disciplina. É julgar de modo a sancionar de acordo com a infracção ou crime praticado. É louvar segundo o comportamento.

Valorizar significa equipar, organizar, aumentar o nível de instrução e impedir os atropelos de autoridade.

O EMG das FAPLA tem-se dedicado à formação técnica e ideológica de oficiais e soldados. Deve ser louvado por isso. No entanto, neste momento, há que reforçar a disciplina, acelerar a organização e o aperfeiçoamento técnico.

(...) Todo o País compreendeu a necessidade de formação de quadros e a campanha de alfabetização em curso é um elemento importante para a elevação do nível técnico e cultural de cada angolano. Mais adiante, teremos de continuar a tarefa da elevação do nível cultural e técnico, de maneira a permitir que se adquiram os conhecimentos médios e superiores.

A revolução não se faz sem instrução, sem estudo, sem compreensão das leis naturais e dos fenómenos do meio ambiente, como não se faz sem conhecimento da natureza da sociedade em que se vive.

(...) Este ano vamos realizar os objectivos do Comité Central do MPLA. Estabelecer as bases económicas para o Socialismo e organizar o Partido.

* * * * * *

INAUGURAÇÃO DA BANCA DO MILITANTE NA "JOMAR" PELO CAMARADA LUCIO LARA - 4.1.77

(...) Sinceramente a explicação pormenorizada que os camaradas responsáveis nos deram, ao camarada que representa o DOM/Regional e a mim, sobre todo o trabalho aqui efectuado, é ao mesmo tempo encorajante, mas ao mesmo tempo causa-nos certas preocupações porque mais uma vez nós vimos que há necessidade de, muito a sério e muito rapidamente, se criarem as condições para os operários angolanos aumentarem a sua capacidade técnica.

(...) Não é raro, quando temos estes contactos, que são sempre contactos bastante instrutivos, com os operários, não é raro ouvirmos dizer : "Bom, temos esta máquina, a máquina funcionou até à semana passada, mas agora há ali um problema electrónico e o técnico que estava era português, fugiu e o nosso camarada que o substitui, ele de electricidade compreende, mas a electrónica já não chega lá". Isto, camaradas, não é só aqui na JOMAR (...) esta é uma constante que nós temos de resolver. Que o nosso Ministério da Educação, o nosso Ministério da Industria o MPLA, os trabalhadores de cada empresa, têm que fazer força para resolver, rapidamente este problema, que é o de criarmos os técnicos que faltam, os técnicos que nos faltam.

(...) No fundo é um problema de educação. É um problema do nosso Ministério da Educação. Quer dizer, digamos assim, nós temos que inspirar o nosso Ministério da Educação no sentido de transformar o nosso ensino, num ensino que sirva os in-

teresses do nosso Povo. (...) Do funcionamento dessas nossas escolas, medias e superiores, do funcionamento dos nossos estabelecimentos de ensino, quer dizer por exemplo dos liceus, será que dos nossos liceus saiem jovens capazes de tapar estes furos ? Não saiem.

(...) É necessário - e é aquique estes problemas devem ser levantados, é no seio do operariado, porque ele sente mais do que ninguém esta necessidade - que a nossa Escola se transforme. Nósnao podemos acreditar mais numa escola teórica, no liceu em que se estuda muita "palha", em que se perdem sete anos ou mais e os nossos jóvens saiem e não são capazes, por exemplo, de vir aqui dar uma ajuda na electrónica.

É necessário que das nossas escolas saiam os homens que dominam a produção, as máquinas, os tractores, as empresas agrícolas, a produção. Este é realmente o grito que a gente sente aqui, na JOMAR, que a gente sente na maior parte das nossas empresas. Este é um grito, muito agudo, que é necessário efectivamente, todos nós responsaveis, darmos atenção. Este é o problema crucial.

* * * * * *

ENCERRAMENTO DO SEMINARIO DE FORMAÇAO DE ALFABETIZADORES DAS FAPLA PELO CAMARADA LUCIO LARA - 6.1.77

(...) E porque falamos em campanha de alfabetização talvez conviesse, mais uma vez chamar a atenção para alguns pontos fundamentais.

Por campanha entende-se uma acção organizada, de grande envergadura, de grande amplidão, que envolve todas as regiões do nosso País (e não só), envolvendo também todos os sectores do nosso Povo. Essa campanha necessita de uma forte coordenação. Nós não sabemos se nete momento já podemos aceitar que a coordenação da campanha está à altura dessa mesma campanha. (...) É portanto no aspecto da coordenação que deve estar um dos factores preponderantes de toda campanha.

Nós sabemos por exemplo que as FAPLA estao a alfabetizar. As fábricas estão a alfabetizar. A JMPLA está a alfabetizar. Muitos outros sectores, nomeadamente nas escolas, nas aldeias, estão a responder com grande entusiasmo à campanha. A UNTA já há muito iniciou também a sua colaboração a esta campanha.

Mas como estamos nós a acompanhar esta campanha ?

Parece-me que aqui reside uma das preocupações fundamentais que nós devemos tentar compreender, por um lado, e resolver por outro.

Não terá sentido, serão vãos, não terão significado, todos os esforços que estão as ser feitos com grande entusismo pelos varios sectores do nosso Povo, e aqui em particular estão as camaradas do Instituto que deramo seu melhor para que este grupo das FAPLA estivesse à altura de alfabetizar, se não houver coordenação. E se não houver, sobretudo, planificação. E se não houver continuidade.

(...) A educação sem cultura não temsignificado. Portanto, ao alfabetizarmos, ao tirarmos do obscurantismo cada camarada nosso das FAPLA ou cada elemento do nosso Povo, nós temos, ao mesmo tempo, que estar preocupados com o que se vai seguir. Ele aprendeu a ler um manual. E depois ? O que é que vai acontecer depois ? Depois do manual o que é que lhe vamos dar ? Esse problema, se não for resolvido a nossa campanha vai-se perder. Portanto, quer os alfabetizadores, quer os organismos de direcção da campanha e particularmente os nossos camaradas do Ministério, têm uma grande tarefa ao planificar a solução deste problema.

(...) Talvez não fosse má ideia a campanha possuir o seu jornal, um "periódico" mensal ou quinzenal no qual, oupara o qual, todos os alfabetizadores, todas as regiões, todas as Comissões Regionais de Alfabetização pudessem enviar, sistematicamente, periodicamente, as notícias de como está a decorrer a campanha, o que é que falta, os manuaisque faltam e, além disso, o material para continuidade.

(...) Temos de liquidar o analfabetismo. E isso não vai chegar. Temos de passar logo às outras etapas : ao fornecimento de cultura, de meios culturais e de conhecimentos técnicos.

(...) Ao alfabetizar, o alfabetizador deve ter presente a importância do MPLA. E deve ter presente, para saber explicar ao alfabetizando, àquele que vai aprender a ler e a escrever, a importância do que é ser militante duma organização gloriosa, como o é o MPLA.

(...) Alguns camaradas vão ensinar camaradas que vão dificilmente perceber o português. E aí é necessária muita explicação, muita paciência, porque não se deve ensinar nada que não se compreenda. Aquele que vai aprender deve compreender o que é que aprende, porque senão todo esse ensino não presta.

Ensinar a ler a um camarada a palavra, por exemplo, social, ele pode soletrar, mas se ele não souber o que isto quer dizer, isso não foi ensinar a ler. (...)

* * * * * *

FORMAÇÃO DAS BRIGADAS "HENDA" - DISCURSO DO CAMARADA LUCIO LARA - 14.1 77

- "500 camaradas estudantes, das escolas secundárias, que desde já estão prontos para o trabalho de alfabetização". -

(...) Alfabetizar não é ensinar o "b, a, ba". Alfabetizar é um acto político. Alfabetizar não é só por um camaradaem condições de saber ler um documento qualquer militante, mas por também um camarada em condições de reflectir sobre esse mesmo documento, sobre o significado desse documento e se o conteúdo desse documento foca os problemas que agora nos aflijem, como patriotas, como militantes do MPLA, nós ao alfabetizar estamos a ganhar um militante.

(...) Não nos temos cansado de dizer que a escola secundária, que nós herdamos, não nos serve, não serve para nada ao nosso Povo ; queserá necessário tão rápido quanto possível, se possívelmesmo durante este período de férias, equacionar o problema das escolas secundarias e, por sinal, à medida das necessidades do nosso Povo, da Nação, do processo revolucionário que vivemos, do processo da construção do socialismo em que estamos empenhados.

(...) Nós não esquecemos que não podemos, numa geração estudantil, formar todos os técnicos a partir da massa estudantil. E nãonos podemos também esquecer que a nossa massa estudantilainda é muito diversa quanto à sua origem de classe. E o que nós temos que ter presente é que as fábricas estão à espera dos técnicos.

(...) Em Viana há pelo menos seis fábricas fechadas. Se formos a ver porquê, nós vamos ver que e qobretudo a faltaddos técnicos, (...) de técnicos de electrónica (...) e isso está-nos a causar prejuizos tremendos. Ora não podemos deixar de pensar que há muitos electricistas, operários portanto, trabalhando hoje, ou até talvez estejam desempregados, que com relativa facilidade, com maior facilidade que qualquer de vós, estaria mais rápidamente em condições de substituir o engenheiro electrotécnico, ou aquilo a que se chamava auxiliar electrotécnico. É neste sentido que nós pensamos que a nossa escola deve orientar a sua acção. É neste sentido de resposta às necessidades, que a escola secundária se deve mobilizar. (...)

* * * * * * *

ENCERRAMENTO DO 1º CURSO DE FORMAÇÃO DE COMISSARIOS POLITICOS DAS FAPLA PELO CAMARADA LUCIO LARA - 13.1.77

(...) Nós estamos em vésperas de grandes acontecimentos nacionais. Foi anunciado pelo Comitê Central, no seu III Plenário, que no ano de 1977 se realizará o Congresso. E o prórpio camarada Presidente, na sua mensagem à Nação, no princípio do ano, frisou bem que este será o Ano do I Congresso. Este será o ano da produção para construirmos o Socialismo.

Esta directiva é uma directivade base, que cada comissário político deve saber compreender profundamente. Isto quer dizer que, ao nível das FAPLA, nós temos que dar atenção primordial à construção do Partido e, para isso, temos que organizar o nosso Movimento no seio das FAPLA.

São os comissários políticos aqueles que, melhor do que ninguém, podem dinamizar esta organização. Hojeas Fapla não são mais aquele conjunto de guerrilheiros militantes que nós tivemos durante a guerra de libertação. As FAPLA são hoje um vasto exército, onde há milhares de homens, que do movimento apenas têm uma ideia sentimental, que do Movimento apenas conhecem a bandeira e alguns, porque não todos, conhecem a fotografia do Camarada Presidente ; alguns há, que não todos, conhecem o hino do MPLA e o hino da República Popular de Angola.

Cabe-vos a vós, comissários políticos, fazer compreender a todos estes camaradas, o significado de ser militante do MPLA e para fazer com que cada combatente das FAPLA se sinta um militante do MPLA, para que sinta que o ser combatente só é sim um dever nacional, mas não é uma honra, uma glória por si só. A honra é ser-se um combatente militante, é ser-se um combatente que conhece os anseios do nosso Povo, do nosso Povo organizado no seio do MPLA e cumpre, portanto, as decisões do Comitê Central.

(...) E já que falei da corrupção, camaradas, cabe-vos, a vós comissários políticos, travar um combate sem tréguas contra este verme que já começa a querer entrar no nosso seio, no seio do nosso Povo.

Nósnão podemos de maneira nenhuma tolerar corruptos no nosso seio. Nós temos que denunciar com firmeza, mesmo com todo o ódio, aquele que se deixar arrastar pela corrúpção. Ser corrompido é ser vendido ao inimigo. E, hoje, quem se vende por ima garrafa, amanhã vende a Pátria por mais qualquer coisa. E vós, comissários políticos, deveis estar atentos, deveis ser implacáveis, mas ao mesmo tempo compreensivos, para explica o perigo da corrupção no nosso seio e, em particular, no seio das FAPLA.

(...) Devemos ser intransigentes contra aqueles que, em nome das FAPLA, cometem os crimesmais sujos, aqueles que roubam fardas, que guardam fardas do tempo - inclusivamente do nosso inimigo - para fardados cometerem crimes que são contra a dignidade dos combatentes das FAPLA e que vão prejudicar o nosso Povo. Também contra esses nós devemos manter uma luta sem tréguas. Devemos lutar contra o lumpanato, contra todos aqueles que se querem aproveitar da bandeira das FAPLA para cometer crimes contra o nosso Povo. (...)

* * * * * *

INAUGURAÇÃO DA BANCA DO MILITANTE DA "MABOR" PELO CAMARADA SAYDI MINGAS - 22.1.77

(...) A Revolução, a transição ao Socialismo, é a etapa mais dura da vida de um homem. Inclusivemmais dura do que o momento em que se agarra uma arma, se mete uma mochila às costas e se mata e se está disposto a morrer. É uma etapa em que é neces

sário transformar a consciência dos homens, levar ao homem uma nova dimensão revolucionária, incutir no homem um novo sentimento da sociedade, uma nova dimensão do trabalho, uma nova dimensão da vida, em conjunto, dentro da nossa sociedade.

O processo, extremamente rigoroso, extremamente difícil, é o melhor processo de selecção natural. Os homens vivem determinadas etapas na Revolução e desaparecem quando não resistem a aela, porque ela é implacável no seu avanço.

(...) O Socialismo é difícil, é uma etapa difícil e não consiste, única e simplesmente, em dar um pedaço de pão a cada qual. É importante isso, até mais importante que o discurso. Mas é importante, acima de tudo, transformar a consciência dos homens. E isso não acontece de um dia para o outro. É isso que muitas vezes os camaradas não entendem, sobre as exigências do processo revolucionário. E eis aí porque nós voltamos a dizer que é importante o estudo da teoria revolucionária o estudo dos princípios revolucionários, da transição, o conhecimento da história do combate do MPLA, o conhecimento da vidade sacrifício dos nossos herois. Não basta dizer que Hoji Ya Henda é um Heroi do Povo Angolano. É necessário saber o que fez para transformar-se em Herói do Povo Angolano. E é necessário estarmos preparados para seguir o seu exemplo.

(...) Há certos princípios que é necessário incutir nas pessoas,nos trabalhadores no seio do nosso povo. E entre esses princípios está o princípio da emulação. Criar a emulação socialista. Criar a emulação entre os sectores da fábrica. Determinar porque é que há engarrafamentos. Criar prémios, criar louvores, criar condições psicológicas da valorização moral do trabalhador, dentro da fábrica. Criar esta confrontação fraternal entre os trabalhadores, de forma a registar-se um aumento da produtividade desta unidade industrial. (...)

* * * * * *

PALAVRAS DO CAMARADA LUCIO LARA NO COMICIO DO HUAMBO A 27.1.77

(...) Muitos grupos de acção enquistam-se, quer dizer, fecham-se. Discutem entre si e o resultado é que andam às voltas para encontrar a solução dos problemas. Ora esse não é o melhor processo, não é o método militante. O Grupo de Acção é algo dinâmico, que cresce, floresce. Não pode enquistar-se, não pode fechar-se sobre si próprio.

É certo que, até agora, as directivas não eram claras. Não havia ainda a directiva clara da Assembleia dos Militantes. Mas é preciso que de agora em diante os nossos militantes se habituem às Assembleias de Militantes. Que não se limitem a reunir em grupos de acção, a discutirem entre si os problemas, a fazerem a acta para a Comissão Directiva e pronto, acabaram-se as responsabilidades ... Não chega.

É preciso proporcionar assembleias de militantes, ao nível da empresa, do bairro, mesmo do sector e da zona. É preciso que os militantes se encontrem todos, diante dos seus responsáveis e possam usar livremente da crítica. Que os responsáveis saibam usar da autocrítica, bem como os militantes de base. Desta maneira nós vamos melhorar o nosso trabalho e não vamos perder tempo em questões miudinhas, que muitas vezes dizem respeito ao bairro, às pessoas, mas não ao Povo nem ao nosso Movimento. (...)

* * * * * * *

GRADUAÇÃO DE NOVOS OFICIAIS DAS FAPLA - PALAVRAS DO COMANDANTE IKO CARREIRA

29.1.77

(...) Nós somos levados a construir - neste nosso país meio destruido pela invasão imperialista - um exército forte, política e ideològicamente bem formado, porque os nossos inimigos não descançam.

Nós fizemos uma opção política e ideológica. Nós vamos construir o Socialismo nesta Pátria. (...) Isto, o imperialismo não pode suportar. Ele não pode suportar que numa das áreas que sempre foi uma área da sua segurança, sempre foi uma reserva estratégica (porque todos os países colonizados não são mais que uma reserva estratégica dos países imperialistas) eles foram surpreendidos pela forma rápida, eficaz, como nós, os do Movimento Popular de Libertação de Angola, todo o Povo de Angola, ajudados pelos paises socialistas e em especial pela União Soviética e pela República de Cuba, conseguimos derrotar uma das forças mais poderosas do imperialismo - o exército sul-africano, ajudado pelo exército zairense.

(...) É preciso, camaradas, que as Forças Armadas cooperem estreitamente com a autoridade civil, na manutenção da ordem e na criação das condições materiais que vão possibilitar o aumento de nível de vida do nosso Povo.

Nós não podemos ser só Forças armadas preparadas para a guerra, para guerra militar. Nós devemos estar preparados também para a guerra económica. Nós devemos participar nessa guerra, teremos que ser um Exército de trabalhadores. Se alguns devem estar permanentemente em alerta, para destruir as veleidades do inimigo, outros terão que participar na produção, porque aí também destruimos as veleidades do inimigo que quer sabotar a economia do nosso País, que quer impedir o progresso das forças produtivas do nosso País.

E mais uma vez queria dizer aos camaradas que a direcção militar e política das Forças Armadas, subordinada à direcção do nosso Movimento e ao Estado, estão atentas e vigilantes para combater qualquer tipo de actividade que vise des[illegible]ir os combatentes, criar focos de contestação no seio do nosso organismo militar. Porque já neste momento estamos a combater um certo tipo de fraccionismo no seio das Forças Armadas. Coisa muito reduzida, muito localizada, que não conseguiu estender-se pela vigilância mantida pelo nosso Movimento, pelas Forças de Segurança e pelos próprios responsáveis da direcção militar, não só a nível do Ministério e Estado Maior, mas também a nível regional. (...)

* *

A TROCA DA MOEDA

7.1 - Anuncia-se à tarde, numa conferência de imprensa com o Ministro das Finanças, Cda.Major Saydi Mingas, que a "Operação de Troca daMoeda" decorrerá nos 3 dias seguintes, 8, 9 e 10 de janeiro.

- A moeda angolana chama-se KWANZA, o mesmo nome do rio que tem uma dimensão verdadeiramente nacional e que está ligado à luta de libertação: era o marco que separava a zona da guerrilha do território dominado pelas tropas coloniais. Um KWANZA vale 100 LWEIs. Lwei é o nome do afluente do rio Kwanza na Província do Bié.

- O Cda. Saydi Mingas informou que o Kwanza só é válido no território nacional, pois não será convertível no mercado internacional e é proibida a sua saída de Angola. A RPA não pertencerá a nenhuma zona monetária e a paridade do Kwanza com outras moedas será fixada posteriormente pelo governo.

- E explicou: "O Camarada Agostinho Neto, em primeiro lugar, está na moeda da RPA porque representa realmente a união de todos os angolanos,de Cabinda ao Cunene. Está presente por ser a expressão viva da luta de libertação deste povo. E está presente, porque nós não pensamos, efectivamente, que a moeda seja, única e exclusivamente, um factor monetário ou financeiro. A moeda é um instrumento de combate político."

8.1 - Foram divulgadas as leis 71/76 de 11 de Novembro de 1976, que cria a moeda nacional, e a lei 1/77 de 7 de Janeiro deste ano, que regulamenta a troca do escudo colonial pelo Kwanza.

11.1 - Numa conferência de imprensa ao final da "Operação Kwanza", os Cdas. Saydi Mingas e Ismael Martins (Governador do Banco Nacional de Angola), consideraram um êxito total a operação, "uma vitória a 100 por cento do povo angolano". Os camaradas responsáveis das finanças do país explicaram o golpe que representa essa troca da moeda para a contra-revolução, tanto interna como externa, e explicaram porque se deve depositar o dinheiro nos Bancos, dinheiro que servirá para os grandes investimentos do Governo. Um inquérito verificará como tantas pessoas conseguiram exatamente os 20 contos para a troca.

- Mais de 500 sabotadores da operação foram detidos, por tentarem burlar a lei e trocar mais de 20 contos.

18.1 - O Ministério das Finanças estabeleceu que, nos Bancos, os particulares que tenham depósitos à ordem, podem levantar até 5.000 Kwanzas por mês,e as empresas até 100 mil kwanzas por mês. Uma nota explicativa posterior precisa que essas retiradas só podem ser feitas de depósitos em conta já existentes antes da operação de troca. Sobre os montantes que excediam os 20 contos da troca, sairá uma legislação no futuro.

22.1 - Em Luanda, teve lugar uma manifestação de apoio à Troca da Moeda, convocada pela Comissão Directiva da OMA de Luanda e apoiada por organizações do MPLA e de massas. O povo concentrou-se no Palácio do Povo, onde o Cda.Presidente falou de improviso. Sobre a Troca da Moeda, o Cda.Presidente disse:

"Durante longos meses, desde o ano passado, estivemos a trabalhar sobre esta questão. Os ministérios interessados, mais tarde organismos do Movimento, mais tarde ainda os Comissariados Provinciais e outros organismos que funcionam no nosso País, estiveram estreitamente ligados a esta operação, e devemos felicitar-nos pelo facto de todos eles terem guarda do sigilo necessário ao êxito da operação. De facto, nesta terra de boa-

tos, não houve nenhum boato sobre a circulação da nova Moeda.(...)

"Tudo decorreu bem. Os milhões de escudos portugueses, escudos coloniais que tinham saído do nosso País e que estão hoje em poder daqueles colonos que fugiram daqui, com medo da situação no mês de Novembro de 1975, que estão nas mãos da Unita, da Fnla, e que faziam o negócio lá fora -- que nós conhecíamos -- esses milhões nunca mais podem voltar aqui para Angola. (...)

"O Escudo estava extremamente ligado à banca portuguesa. Nós agora, com o Kwanza, não estamos ligados, de maneira nenhuma, à banca portuguesa. Nem a nenhuma outra. A nossa moeda é uma moeda independente, uma moeda que corresponde ao nosso desejo de sermos, realmente, independentes. Desde que nós proclamamos a nossa RPA, desde que nós iniciamos a nossa luta pela independência do País, nós sempre dissemos que é necessário chegarmos a uma independência completa, não somente ter uma outra bandeira, ter um outro hino, ter um Presidente da República, mas sim ter todos os elementos que possam constituir um País independente. E agora, do ponto de vista monetário, somos também independentes."

25.1 - Em Saurimo, uma manifestação de apoio à troca demoeda realizou-se por iniciativa da OMA.

26.1 - No Huambo, a manifestação contou com a presença do Cda. Lucio Lara, que alertou para uma das consequências da troca da moeda:

" Os milhões e milhões de escudos que os fantoches roubaram do Tesouro Nacional, ficaram agora papel para queimar. E com esse papel, já não podem cobrir os planos de subversão e de liquidação da nossa economia, como pretendiam. (...) Nós sabemos que, justamente pelo facto de termos travado o passo ao inimigo, muitos bandidos ainda com alguma possibilidade de acção estão procurando, neste momento, a todo custo, intimidar as populações, simplesmente para tentarem roubar uns kwanzas. É um dos resultados que nós temos que sofrer, que o nosso Povo tem que sofrer, mas para o qual nós temos que nos prevenir e em particular os nossos órgãos de defesa - as FAPLA e a ODP - no sentido de aperfeiçoarem a defesa do nosso povo, para evitar esses actos de banditismo."

27.1 - Discursando para os trabalhadores da Açucareira"4 de Fevereiro", no Dombe, na sua visita à Provincia de Benguela, o Cda.Lopo do Nascimento, 1º Ministro da RPA, referiu-se à nossa Moeda :

"E se analisarmos os resultados, no seu conjunto, podemos afirmar que a Operação da Troca da Moeda constituiu um grande êxito para o nosso povo. Constituiu um êxito porque a operação decorreu em todo o País, durante 3 dias, sem grandes incidentes, tendo sido realizado por trabalhadores dos vários sectores, mobilizados alguns com apenas algumas horas de antecedência e que, voluntariamente, se ofereceram para colaborar. A maioria dos camaradas que participou na operação foram militantes, simpatizantes e aderentes do MPLA. Responderam à chamada do Movimento sem terem alguma vez desempenhado tarefas burocráticas idênticas, e alguns camaradas até sem saberem ler nem escrever. Todo o povo trabalhador colaborou. O governo depositou na mão de trabalhadores anónimos milhões de kwanzas sem o mínimo receio, demonstrando esta operação a capacidade de mobilização do MPLA e o interesse e o engajamento dos trabalhadores mais conscientes nas tarefas da Reconstrução.(...) Apesar de terem sido entregues pelo Banco bilhões de kwanzas. bilhões de notas na mão de camaradas que não conhecíamos, que nunca a direcção do Banco conheceu, nenhum camarada teve sequer a ousadia de tentar desviar um Kwanza que fosse.

" Nenhum trabalhador que trocou as suas economias deve recear pelo destino do saldo em depósito. É que nunca vimos ninguém enriquecer apenas

com o que ganha do seu trabalho. Por mais economias que faça. A única diferença é que as economias devem ser guardadas no Banco, ali onde houver bancos, e não guardadas em casa. Porque é bom que os camaradas fixem isso. porque sendo também a troca uma medida política, ela tem um carácter de classe. E ela não poderia ser tomada contra os interesses dos trabalhadores. Não foram os operários nem os camponeses quem levou centenas e milhões de escudos para depositar."

28.1 - A OMA provincial de Moçâmedes promoveu uma manifestação pelo sucesso da "Operação Kwanza". Também por iniciativa da OMA, realizou-se em Ondjiva, Província do Cunene, outra manifestação.

REPERCUSSÕES NA IMPRENSA PORTUGUESA

11.1 - As noticias divulgadas em Angola, em geral, estiveram também na imprensa portuguesa. Destacou-se o reinício das carreiras aéreas Lisboa-Luanda na tarde do dia 10, após 3 dias do encerramento das fronteiras, e especulou-se sobre possíveis reacções em Portugal.

O Ministro português das Finanças, Medina Carreira, declarou não poder fazer comentários: "trata-se de um assunto extraordinariamente delicado, que com certeza vai exigir muita ponderação", disse.

O Gabinete de Relações Públicas do Banco de Portugal declarou sobre os escudos angolanos no exterior, calculados em 5 milhões: "Se o dinheiro saiu de Angola após a independência, o assunto cai sob a alçada da legislação de Angola e não cabe ao Banco de Portugal pronunciar-se. Se saiu antes da independência, havia a legislação portuguesa de matéria cambial, que as pessoas devem ter cumprido, efectuando as trocas."

A delegação do Banco Comercial de Angola em Lisboa declarou não ter poderes para trocar angolares por Kwanzas, uma vez que é uma simples representação e não pode fazer operações bancárias.

- O CDS (Centro Democrático Social), partido português reaccionário, emitiu um comunicado protestando contra a medida, que "prejudica gravemente os interesses de Portugal, e de portugueses ou angolanos, nomeadamente daqueles que, obrigados a refugiar-se durante a guerra civil. são portadores de escudos angolanos". O CDS solicita ao governo português que "informe como vai proceder", para "garantir os interesses portugueses ofendidos".

12.1 - O jornal "Página Um" informa, "de fontes seguras", que em Portugal há 10 milhões, e não apenas 5 milhões de contos em escudos angolanos. Os jornais progressistas denunciam que tal dinheiro era negociado em favor dos fantoches angolanos por determinados bancos europeus, nomeadamente suiços.

- O Presidente da Guiné, Sekou Touré, enviou ao Camarada Presidente Agostinho Neto, um telegrama manifestando a satisfação pela medida que criou o "Kwanza" e a confiança no "regime popular angolano que ousou tomar uma medida económica que é um desafio ao neo-colonialismo".

14.1 - O Governo português tomou posição, defendendo o reembolso dos escudos angolanos que estão legalmente em Portugal. num comunicado enviado ao nosso Ministério das Finanças que diz o seguinte:

"O Governo português tomou conhecimento pela imprensa da decisão do Governo da República Popular de Angola de pôr em circulação, naquele país, uma nova moeda - o "kwanza" - e do condicionalismo imposto para a troca das antigas notas da emissão do Banco de Angola. Não teve, até

agora, mais conhecimento algum, nem sobre a paridade do "kwanza",(...) nem sobre a possibilidade e o condicionalismo a respeitar na troca a estrangeiros, detentores de notas antigas saídas legalmente de Angola e entradas legalmente noutros territórios, nomeadamente no de Portugal.

"Existe em poder do Banco de Angola em Lisboa, avultada soma em notas antigas de Angola, trocadas por "escudos" portugueses a refugiados daquele país, ao abrigo de um acordo oportunamente estabelecido entre entidades financeiras de ambos os países, notas que assim se encontram legalmente detidas em Portugal, até reembolso do respectivo montante a Portugal, por parte de Angola. (...)"

15.1 - O Ministro dos Negócios Estrangeiros português negou as especulações de que o "kwanza" afetaria as relações entre os 2 países. Declarou: "O Governo (português) definiu uma política firme de estabelecimento de relações com a RPA e essa política não anda ao sabor dos acontecimentos, não muda com o primeiro incidente". Acrescentou que a RPA, como Estado independente, toma as medidas que entender, cabendo ao governo português tentar diminuir os efeitos do processo de descolonização, defendendo os interesses de Portugal.

21.1 - O "Diário de Notícias" dedica mais de uma página aos "kwanzas". Um comentário faz o resumo das implicações em Portugal, e afirma que "há 3 tipos de angolares em cuja conversão o Estado português está interessado: os depositados na banca angolana pelo próprio Estado, e cuja conversão, na totalidade, deverá ser imediatamente negociada; os que se encontram em Lisboa, depositados no Banco de Angola; e os trazidos para Portugal por portugueses regressados da antiga colônia, sobretudo durante o período em que funcionaram as pontes aéreas. Neste último caso, encontram-se, porém, grandes somas de angolares exportados à margem das limitações legais então impostas pelas autoridades angolanas, o que poderá dificultar a sua conversão."

E revela que "nos últimos meses, bancos suiços mostravam-se muito interessados na compra da antiga moeda". E que "especuladores e aventureiros que adquiriam, a preços de liquidação, grandes somas de dinheiro angolano, regressavam com ele à RPA, normalmente via Zaire, para comprar diamantes no mercado negro, ou estavam por vezes directamente relacionados com redes de financiamento da FNLA ou da UNITA".

O DN publica também uma série de depoimentos de 2 deputados e alguns "retornados ilustres". A maioria reconhece que a medida era inevitável, esperada mesmo, e de direito e necessária à defesa dos interesses e da independência do novo país. Atribuem a maior responsabilidade ao Governo português, pelas "consequências desastrosas da descolonização" e por não defender convenientemente e a tempo "os interesses portugueses" e principalmente dos retornados. Mas um depoente, Sr.Fernão Carvalheira e Costa, ex-administrador em Angola da Caixa de Crédito Agro-Pecuária, de empresas e do jornal "O Lobito", chama a troca de "golpezinho financeiro", num amargo e reaccionário depoimento.

22.1 - O deputado do CDS, Pinto da Cruz, num discurso perante a Assembléia da República portuguesa afirmando que "era angolano de nascimento e que sempre se batera pela independência daquela ex-colônia, ao ponto de por 3 vezes ter sido preso", investiu contra a nossa troca da moeda, "uma operação surpresa" sobre o qual"não foi concedida ao Governo português a simples deferência de uma consulta ou aviso prévio". Mais: exigiu que "o governo estude imediatamente a resposta adequada a tal atitude que parte de um país que até tinha obrigação de ser nosso amigo". A intervenção,que demonstra o quanto tal deputado é ignorante da nossa independência, provocou vivos protestos da bancada do Partido Comunista Português.

A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO E O ENSINO EM GERAL

25.12 - O Comitê Executivo da JMPLA dirigiu aos estudantes um apelo para que se enquadrem nas Brigadas Henda.

28.12 - Comissões e delegados sindicais da Província de Luanda reuniram-se no cine 1º de Maio, onde receberam as directivas para a campanha nas empresas: levantamento do número de analfabetos, selecção de alfabetizadores com o mínimo de 4a.classe (1 para cada 10 analfabetos). Os alfabetizadores receberão um curso de 1 semana e deverão começar a campanha a 10.1.77

- A CNA (Comissão Nacional de Alfabetização), órgão coordenador da campanha a nível nacional, definiu as FAPLA como sector prioritário. A Secção de Alfabetização e Cultura do Comissariado Político coordena a campanha dentro das FAPLA. Além disso, preocupa-se também com a instrução primária e mesmo secundária para os seus combatentes, havendo escolas já a funcionar em Luanda, Benguela e outros sítios.

30.12 - A experiência piloto de construção civil, no Bairro Golfe de Luanda, conta com mais de 300 trabalhadores e já tem 10 classes de alfabetização, onde cerca de 150 trabalhadores aprendem a ler e escrever.

31.12 - A reunião nacional dos DEC Provinciais da JMPLA definiu a alfabetização como tarefa principal e decidiu criar provisoriamente uma "Comissão Especial de Alfabetização", enquadrar as Brigadas Henda nas FAPLA, nas fábricas, bairros e povoações, e iniciar a campanha em todas as províncias até o dia 10 de janeiro 77.

5.1 - No Bairro Rangel, Luanda, decorre um Seminário para formar 30 alfabetizadores.

6.1 - 182 camaradas das FAPLA terminaram o 1º Seminário de Formação de Alfabetizadores das FAPLA e o curso de Activista Social, no Instituto de Educação e Serviço Social de Angola. No encerramento, falou o Cda.Lucio Lara, Secretário do Bureau Político do MPLA, e houve uma sessão cultural realizada pelos próprios FAPLA, agora alfabetizadores e activistas sociais.

12.1 - 810 alfabetizadores das empresas da cidade de Luanda foram formados no 1º Seminário do sector operário. Na sessão de encerramento estiveram o Cda. Aristides Van-Dunem, Secretário Geral da UNTA e membro do Comitê Central do MPLA, e o Cda.Pedro Fortunato, Comissário Provincial e coordenador da Comissão Provincial de Alfabetização.

13.1 - Um comunicado da JMPLA convoca todos os estudantes alfabetizadores para o acto de ingresso nas Brigadas Hoji Ya Henda.

14.1 - O CNA reuniu-se pela 1a vez com os responsáveis dos Centros Provinciais de Alfabetização que fizeram o relatório dos trabalhos em cada região. A campanha de alfabetização tem como objectivo libertar Angola do analfabetismo em 5 anos.

16.1 - No encerramento do Seminário para dirigentes de cursos para professores primários, o Cda.Pepetela, Vice-Ministro da Educação, revelou alguns números: há cerca de 1.700.000 crianças entre 6 e 14 anos, que não frequentam escolas. No tempo colonial escolarizou-se cerca de 500 mil, isto é, menos de um terço. Para escolarizar todas as crianças, o Ministério tem que formar mais 40 mil agentes do ensino. Para o 1º curso de agentes do ensino, a iniciar, espera-se conseguir 3.500 a 4.000 estagiários , o que

significa que necessitaremos pelo menos 10 cursos desses para completar o efectivo necessário de agentes do ensino. Os responsáveis desse sector da educação criticaram a passividade da maioria da nossa juventude que não mostra entusiasmo em trabalhar como professores primários.

21.1 - Mais 39 alfabetizadores de adultos foi formado no seminário promovido pela CNA em colaboração com o Ministério da Construção e Habitação, para iniciar a alfabetização de trabalhadores da Construção Civil em Luanda. Já há cerca de 400 analfabetos inscritos para o curso e o Ministério pretende levar os cursos para as outras províncias.

23.1 - Na Açucareira 1º de Maio, de Benguela, recém-visitada pelo nosso 1º Ministro, Cda.Lopo do Nascimento, estão sendo alfabetizados 833 trabalhadores.

* * * * * * * * * * * * * * * * *

COMBATE À CRIMINALIDADE E À INDISCIPLINA

1.1 - O Tribunal Popular Militar condenou à pena de morte 3 elementos das FAPLA culpados de homicídio voluntário, por terem assassinado no dia 21.12.76 o engenheiro Plácido da Costa Oliveira.(Alguns dias mais tarde foram fuzilados 2 dos assassinos, tendo fugido o 3º elemento).

6.1 - 82 agentes do CPPA foram suspensos das suas funções e punidos com diversas penas de trabalho em campos de reeducação, por faltas graves e atentatórias da disciplina. Parte desses punidos poderá voltar ao CPPA dependendo do seu comportamento na recuperação. Outros, culpados de delitos graves já não poderão voltar às fileiras do CPPA. As penas são de 6, 12 e 23 meses no campo de produção. O Comandante-Geral do CPPA, Cda.André Petroff,assinalou que as medidas de depuração de elementos indisciplinados e corruptos continuará no CPPA.

13.1 - As Brigadas Populares de Vigilância deverão entrar em actividade no dia 15. Nesta primeira fase, actuarão apenas em 4 zonas de Luanda, já integradas por mil militantes do MPLA. No futuro pensa-se ampliar a experiência, levando as BPV a outras zonas e outras regiões do país, integrando não apenas militantes do MPLA, mas todos os "militantes da nossa revolução", massificando as BPV, e ampliando a sua actividade.

25.1 - Encerrando mais um curso de agentes da Polícia Judiciária, o Cda.Diógenes Boavida, Ministro da Justiça, falou sobre os progressos daquela corporação:
- Frequentaram este curso 34 alunos, de Luanda, Benguela, Huambo, Huila e Uige. As aulas duraram 30 dias. É o 6º curso já efectuado.
- Na independência, a Polícia Judiciária (PJ) contava apenas 28 elementos.
- "Logo em Novembro 75 nós seleccionamos 80 camaradas que receberam o 1º curso. Estes 80 camaradas foram escolhidos entre cerca de 1.000 candidatos. Fizemos posteriormente mais 2 cursos de formação de agentes, chefes de brigadas e subinspectores e fizemos também um curso para técnicos de laboratório. Ao todo entraram para a PJ cerca de 200 camaradas, seleccionados com rigor e que iniciaram o seu trabalho depois de preparados. Destes temos 6 na União Soviética a estudar técnica laboratorial e dentro de alguns dias mais 35 seguirão para a República de Cuba. Até 1978 irão mais 50 para Cuba. Assim é que, dentro de 1 ano teremos cerca de 60 camaradas com curso de especialização, que poderão ser considerados técnicos médios em criminologia e alguns técnicos superiores."

. A PJ passará a ser Direcção de Investigação Criminal de Angola.
. "... apesardos rigores das admissões alguns casos de indisciplina se têm verificado. Dado a natureza do seu trabalho, cada agente tem de se comportar dentro e fora da PJ de forma exemplar."
. 2a.etapa:"já foi apresentado um plano para todas as províncias. Iremos reforçar a PJ nas províncias onde ela já existe e instalá-la onde ainda não existe."

26.1 - Em conferência de imprensa, o Director da Polícia Judiciária anunciou a descoberta dos autores de 3 crimes: assassinato do cooperante director da Fazenda, assalto à sede da JMPLA e assalto ao pagamento dos trabalhadores do Hospital "Américo Boavida". O Cda. Ministro da Justiça ressaltou a colaboração popular que ajudou a PJ a descobrir os criminosos.

* * * * * * * * * * * * * * * * *

EMULAÇÃO SOCIALISTA E RECONSTRUÇÃO NACIONAL

28.1 - A "Califa", empresa de confecções do Cacuaco, conta com 194 trabalhadores em 2 turnos de 8 horas. O ano passado, a produção foi de 500 camisas e 150 calças diárias. Em 1974, ano da maior produção, com 120 trabalhadores,produziu 1.000 camisas e 200 dúzias de lenços de cabeça por dia. Uma das razões da baixa produção, a indisciplina (faltas, atrasos), está sendo diminuida pelo trabalho político da comissão sindical e dos Grupos de Acção. Há dificuldades técnicas: 2 máquinas paradas, falta de técnicos. Técnicos cubanos estão formando 2 mecânicos angolanos. A produção está aumentando: neste início de ano produziu-se 800 camisas, 300 dúzias de lenços e 150 calças, por dia.

30.1 - Realizou-se no Cine 1º de Maio um plenário das Comissões Sindicais e admin strações de empresas nacionalizadas e controladas pelo Estado, para discutir a Emulação Socialista que a UNTA está a dinamizar, iniciando com um plano experimental de 3 meses com algumas dezenas de empresas seleccionadas. Da exposição dos representantes extraimos alguns números da produção:

. Textang: em 1973 a produção foi de 8 milhões de metros de panos. Em 1976, apenas 3 milhões de metros. Causas apresentadas: falta de um produto químico para as engomadeiras e problemas cpm a administração até à nacionalização a 1º de Maio 76. Desde a nacionalização os índices têm aumentado. No final de 76 já se produzia 16.000 metros diários. O plano de produção para 1977 exige uma produção de 18.500 metros de panos diários. Em 1973 a média diária foi de 19.000.

. Moagem "Venâncio Guimarães": em 1973 faziam 800 sacos de farinha por dia; hoje, produzem 1.200 sacos. Seus trabalhadores aceitaram o desafio da moagem Indumil, do Huambo, para ver qual a moagem alcançará os maiores índices de produção até o fim deste ano.

. Cuca : atingiu a produção máxima em 1974, 39 milhões de litros. No ano passado produziu 17 milhões de litros. Plano para 1977: 31 milhões. Desafiados pela Cuca do Huambo, seus trabalhadores aceitaram o desafio.

. Nocal : 49 milhões de litros de cerveja em 1974, o melhor ano. Em 1977 espera-se atingir 36 milhões. Os trabalhadores também aceitaram o desafio da Cuca-Huambo para ver quem produz mais cerveja este ano.

. Móveis VR, Curbol e IFA são empresas incluidas no plano experimental de Emulação, que ainda têm baixos índices de produção. "Móveis VR" faz apenas um terço da produção de 73. Faltam matérias primas e técnicos.

. Mais desafios: a fábrica de tabacos FTU, não incluída no plano experimental, e que conseguiu 75% do rendimento da capacidade produtiva da fábrica, desafia os trabalhadores das tabaqueiras angolanas a ver quem tira o maior rendimento; os Serviços de Finanças da Huíla e Moçâmedes desafiam as "finanças" do resto do País a cumprir as resoluções do Comité Central e fazer 44 horas semanais de trabalho.

* * * * * * * * * * * * * * * * * *

NOVOS MÁRTIRES DO POVO ANGOLANO

15.1 - " O COMITÉ CENTRAL DO MPLA cumpre o doloroso dever de comunicar o falecimento do Camarada Comandante Bonifácio Kinda (KANTIGA), ocorrido ontem, dia 14 de Janeiro, num desastre de viação na cidade de Luanda, pelas 18h.30.

Natural do Bié, nascido a 21 de Março de 1936, o Camarada Bonifácio Kinda (KANTIGA) era membro do Comité Central do MPLA e Comandante das gloriosas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), exercendo à data da sua morte as funções de Membro da Comissão Militar de Assuntos Sociais do Ministério da Defesa.

O COMITÉ CENTRAL DO MPLA inclina-se perante a memória deste valoroso Combatente que abnegadamente e ao longo dos anos da luta de libertação nacional serviu no seio do MPLA a Pátria e os superiores interesses do Povo Angolano. (...) ""

Comunicado do EMG das FAPLA :
(...)
"Valoroso combatente, e militante digno, o Comandante Kantiga foi durante muitos anos o Responsável pelo sector de Logística da IV Região Político-Militar (Província da Lunda) durante a Primeira Guerra de Libertação Nacional. Percorrendo a pé, incansavelmente, as centenas de quilómetros que separavam aquela Região Militar das bases de apoio e abastecimento situadas na III Região, fronteira com a Zâmbia, teve numerosas vezes de travar combate contra o inimigo que pretendia desmantelar os dispositivos logísticos do MPLA na área. (...)

" Ferido durante a segunda guerra de Libertação Nacional, o Comandante Kantiga foi sempre dedicado e disciplinado combatente, tendo assinado a Proclamação da constituição das gloriosas FAPLA. Pela sua coragem e firmeza militante, pela sua dedicação aos ideais do MPLA e do Povo Angolano, o Estado Maior das FAPLA aponta o exemplo do Comandante Kantiga a todos os soldados e responsáveis das FAPLA, exortando-os a segui-lo para a glória da Pátria Angolana a que deu o melhor do seu esforço."

20.1 - Faleceu um dos heróis anónimos do Povo angolano, o Camarada Comandante Antonio Alberto, militante do MPLA e combatente da independência desde a la.hora. Mobilizado pelo exército colonial em 1959, iniciou um trabalho de consciencialização e recolha de fundos para fabrico de armas. Preso e torturado pela Pide, evadiu-se graças à ajuda de um Alferes português, de nome Freitas, que por isso foi fuzilado. Actuando nas matas, foi preso pela UPA e enviado para o campo de morte de Kinkuzu, da Fnla. Conseguiu evadir-se novamente. Tentando deslocar-se a Brazzaville, após a expulsão do MPLA de Kinshasa, foi preso pela policia zairense ao passar por Kinshasa e novamente enviado a Kinkuzu, onde durante 2 anos sofreu horríveis torturas. Em consequência das sevícias sofridas, contraiu um cancro, que acabou por levar-lhe a vida. Antonio Alberto havia nascido a 1de Janeiro de 1939, em Santo Antonio do Zaire. É mais um mártir da nossa luta.

MEDIDAS DO GOVERNO

31.12 - Os governos da RPA e da França decidiram oficializar a normalização das suas relações, ao final das conversações do nosso governo com uma delegação francesa que visitou o nosso país.

1.1 - Foi criada a Empresa Pública de Telecomunicações - EPTEL -, estatal, com a compra pelo Governo angolano da totalidade dos bens e instalações da Companhia Portuguesa Rádio Marconi no nosso País. Um comunicado da Secretaria de Estado das Comunicações, de 31.12.76, anuncia esta nacionalização das telecomunicações com o exterior, de importância vital para qualquer Estado independente.

7,1 - O Ministério da Construção e Habitação criou suas Delegações Regionais, tendo para isso dividido o país em 6 regiões. As sedes das delegações serão em: Cabinda, Luanda (Províncias de Luanda e Zaire), Malanje (Malanje,Uige,Cuanza-Norte, Lunda e Moxico), Huambo (Huambo, Bié e Cuando-Cubango), Benguela (Benguela e Cuanza-Sul) e Huila (Huila,Moçâmedes e Cunene).

29.1 - Os nossos Ministros das Relações Exteriores e das Pescas convocaram a informação nacional e estrangeira para divulgar um comunicado que visa acabar com a pilhagem da nossa riqueza marinha. Comunicaram que o nosso mar territorial é fixado em 20 milhas de largura a partir da linha de base, e que"o Estado de Angola exerce os poderes que lhe confere o direito internacional" na zona do alto mar contígua ao seu mar territorial até à distância de 200 milhas. Denunciando a pilhagem dos nossos recursos e o desrespeito pela nossa soberania e direitos do mar, cometidos por barcos estrangeiros, particularmente espanhóis, zairenses e japoneses, ao pescarem no mar sob jurisdição angolana, nossas autoridades anunciaram medidas rigorosas para fazer valer nossos direitos. Os Ministérios da Defesa, das Pescas e das Relações Exteriores, de comum acordo, advertem que as embarcações de pesca que infrinjem nossas leis serão capturadas, e confiscadas as redes, os apetrechos e o produto da pesca ilegal, assim como serão aplicadas severas multas ou sanções.

* * * * * * * * * * * * * * * * *

CAMARADA LUCIO LARA NO HUAMBO

18.1 - Uma comissão do Comité Central do MPLA, composta pelos Cdas.Lucio Lara, Secretário do BP do MPLA, e Manuel Pacavira, do CC do MPLA e Ministro dos transportes, acompanhados por camaradas do DOM/Nacional e da UNTA, esteve em visita de trabalho ao Huambo, onde estudou a situação político-militar através de contactos com várias autoridades da região e uma assembléia de militantes. A comissão esteve no Huambo durante 4 dias.

24.1 - A comissão do CC, chefiada pelo Cda.Lucio Lara, na 2a.visita de trabalho ao Huambo, após reuniões com várias autoridades políticas e militares da Província, presidiu a uma assembléia de militantes que elegeu a Comissão Política Provisória, que substitui a Comissão Directiva. A Comissão Política,eleita por militantes vindos dos diferentes pontos da província, é composta por 10 camaradas.

O Cda.Lucio Lara reuniu com militantes de vários sectores, com responsáveis da JMPLA e com Comités de Acção da região do Uaba, Caconda e Caluquembe, onde há uma forte organização dos camponeses, com várias cooperativas de produção agrícola.

26.1 - A delegação do CC do MPLA no Huambo, visitou a região do Cuma e da Caála, onde teve várias reuniões de trabalho e um contacto com um grupo de refugiados, que atinge cerca de 15 mil pessoas.

27.1.- O Cda.Lucio Lara discursou no comício de apoio à Troca da Moeda realizada no Huambo. Alguns trechos do seu discurso:

" Muitos grupos de acção enquistam-se, quer dizer, fecham-se. Discutem entre si e o resultado é que andam às voltas para encontrar a solução dos problemas. Ora, esse não é o melhor processo, não é o método militante. O GA é algo dinâmico, que cresce, floresce. Não pode enquistar-se, não pode fechar-se sobre si próprio.

É certo que, até agora, as directivas não eram claras. Não havia ainda a directiva clara da Assembléia de Militantes. Mas é preciso que de agora em diante os nossos militantes se habituem às Assembléias de Militantes. Que não se limitem a reunir em grupos de acção, a discutirem entre si os problemas, a fazerem a acta para a Comissão Directiva e pronto, acabaram-se as responsabilidades... Não chega.

É preciso proporcionar assembléias de militantes, ao nível da empresa, do bairro, mesmo do sector e da zona. É preciso que os militantes se encontrem todos, diante dos seus responsáveis, e possam usar livremente da crítica. Que os responsáveis saibam usar da autocrítica, bem como os militantes de base. Desta maneira, nós vamos melhorar o nosso trabalho e não vamos perder tempo, em questões miudinhas, que muitas vezes dizem respeito ao bairro, às pessoas, mas não ao Povo nem ao nosso Movimento. " (...)

" Todos nós, militantes do MPLA, não nos cansamos de proclamar a palavra de ordem "FAPLA-POVO". FAPLA-Povo quer dizer unidade das FAPLA com o povo. Mas quer dizer mais. Quer dizer que as FAPLA saem do Povo. E quer dizer mais: quer dizer que as FAPLA estão com o Povo, apoiam o Povo.

Ora, camaradas das FAPLA, temos que falar francamente. Nos Concelhos, o nosso Povo não está satisfeito com o trabalho realizado até hoje, porque há um ou outro infiltrado e é preciso que nós saibamos distinguir os infiltrados dos verdadeiros combatentes. Há um ou outro infiltrado que não ajuda essa aliança, essa unidade FAPLA-Povo. (...)

(...) nos nossos planos militares, não deixemos de ter em conta os centros produtores. (...) Há centros militares, há centros de produção, ondeo nosso Povo gastou o seu suor, para alimentar o Povo, E o produto desse trabalho corre riscos. O produto desse trabalho tem se perdido, até porque os bandidos, incapazes de pensar, o destroem.

É preciso que em cada lugar de produção, alí onde habitualmente está a fonte de riqueza do Povo, está a fonte de alimentação do nosso Povo, as FAPLA saibam, como ninguém, marcar a sua presença, afugentar os bandidos. O bandido está muito fraco realmente, teme a presença das FAPLA, mas é preciso que as FAPLA estejam presentes. E essa presença será tanto mais nobre, tanto mais valiosa, se as FAPLA souberem depurar do seu seio todos os infiltrados, todos aqueles que não compreendem o significado da aliança FAPLA-Povo, todos aqueles que vêem na arma, não um instrumento para defender o povo, mas para amedrontar o Povo.""

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

CAMARADA LOPO DO NASCIMENTO EM BENGUELA

26.1 - O Cda.Lopo do Nascimento, 1º Ministro, visitou durante 4 dias a Provincia de Benguela, à frente de uma delegação que incluia: Cda.Pedro Van-Dunem (Loy), 3º Vice-Primeiro Ministro; Noé Saúde, Ministro do Trabalho;e Lopes Teixeira, Ministro da Indústria e Energia

26.1 - O Cda.Lopo do Nascimento e sua comitiva, além de várias reuniões de trabalho, estiveram na vila do Dombe Grande, a 60 km.de Benguela, onde se comemorou com os trabalhadores da Açucareira "4 de Fevereiro" o cumprimento o plano de produção previsto para 1976.

O plano de produção era de 10.146 toneladas de açucar, o que foi cumprido e ultrapassado. A produção média diária foi de 59 toneladas.

O Cda.Lopo do Nascimento proferiu um discurso aos trabalhadores da Açucareira , em que falou da sua satisfacção. Disse:

" Os camaradas dão-nos hoje a prova convreta do vosso engajamento no processo de produção(...) Cumpriram em 90 por cento o plano de produção elaborado. E ultrapassaram os índices de rendimento industrial dos últimos anos do tempo do colonialismo.(...)

Entretanto, quero chamar a atenção dos camaradas que o plano que foi cumprido, em termos quantitativos, está abaixo das produções do tempo do colonialismo. (...(

Somos deficitários relativamente ao consumo, ou melhor, temos de comprar no exterior à volta de 40 mil toneladas para abastecer o mercado interno.

Sabem também os camaradas que os custos de produção do açucar fabricado em Angola, e também aqui nesta unidade, são superiores ao preço de venda tabelados para o produto. Isto significa que o custo de um quilo de açucar aqui produzido é superior ao preço por que se vai comprar a qualquer loja do Estado.(...)que a batalha não seja apenas para cumprir o plano, mas também para conseguir melhores custos de produção, conseguirmos aumentar a produtividade.""

- A delegação chefiada pelo Cda.Lopo do Nascimento deslocou-se também à Catumbela, onde foi inaugurada a Escola Técnica Nacional Açucareira "Amílcar Cabral", para preparação técnica e profissional dos trabalhadores do sector. O curso inicial conta com 78 alunos oriundos das 4 principais açucareiras nacionais.

- No Lobito, o Cda.Lopo visitou o Hospital Central.

- Em Benguela, o nosso Primeiro Ministro teve uma reunião de trabalho com todos os Comissários Provinciais do País.

- Os MInistros do Trabalho e da Indústria e Energia continuaram na Província após o regresso do 1º Ministro e efectuaram visitas a diversos complexos industriais.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * *

A F R I C A   A U S T R A L

Nos próximos números deste boletim voltaremos a dar notícias mais detalhadas sobre a África Austral. Em Janeiro 77, ressaltamos 3 factos importantes sobre a evolução do caso rodesiano:

1. No dia 9.1, a cimeira da "Linha de Frente" decidiu proclamar o seu apoio total À "Frente Patriótica" dirigida por Nkomo e Mugabe.
2. Jason Moyo, vice-Presidente da ZAPU, colaborador directo de Nkomo, foi assassinado em Lusaka, pela explosão de uma encomenda-armadilha que lhe foi enviada desde o Botswana.
3. Ian Smith e o seu governo racista recusou as novas propostas britânicas para a transição da Rodésia para um Zimbabwe independente. Essa recusa compromete, talvez definitivamente, as negociações para uma transição pacífica.

* *

G.A.P. 10.2.77